

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
SOCIEDADE, MEIO AMBIENTE E CIDADANIA

A Terra e os Povos: Uma Reflexão Crítica sobre Colonialismo, Sustentabilidade e Saberes Tradicionais com base no livro “A terra dá, a terra quer”

São Paulo
2024

Gustavo Henrique - 15674466 - Noturno
Trabalho Fonte: SANTOS, Antônio Bispo dos; PEREIRA, Santídio.
A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

A Terra e os Povos: Uma Reflexão Crítica sobre Colonialismo, Sustentabilidade e Saberes Tradicionais com base no livro “A terra dá, a terra quer”

Relatório de pesquisa apresentado à banca avaliadora como atividade avaliativa parcial para a disciplina de Sociedade, Meio Ambiente e Cidadania, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH USP).

Orientadores:

André Felipe Simões

Mayara Maria Alonge dos Santos

São Paulo
2024

SUMÁRIO

1.SÍNTESE DA OBRA.....	4
1.1 INTRODUÇÃO À OBRA.....	4
1.2 PRINCIPAIS TEMAS ABORDADOS	4
1.3 NARRATIVA E PERSPECTIVA DOS AUTORES	5
1.4 ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS.....	6
2. ANÁLISE CRÍTICA.....	7
2.1 ORIGINALIDADE NA OBRA.....	7
2.2 DIÁLOGOS COM OUTROS INTELECTUAIS	8
2.3 ESTILO E LINGUAGEM	9
2.4 CONTRIBUIÇÃO PARA CONTEMPORANEIDADE	9
3. CONCLUSÃO.....	11
3.1 IMPACTO DA OBRA	11
3.2 CONTRIBUIÇÃO INTELECTUAL.....	11
3.3 PERSPECTIVAS FUTURAS.....	12
REFERÊNCIAS	14

1. SÍNTESE DA OBRA

1.1 INTRODUÇÃO À OBRA

"A terra dá, a terra quer" (2023), escrito por Antônio Bispo dos Santos e Santídio Pereira, é uma obra impactante que surge no contexto das discussões relativas à luta pela terra, identidade e tradições do povo brasileiro. O autor, Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, foi um ex-escravo que fugiu, um intelectual e ativista dos direitos dos afrodescendentes, utilizando suas vivências e saberes para abordar questões essenciais sobre a conexão entre comunidades tradicionais e a terra. Santídio Pereira, por sua vez, é um artista que retrata visualmente muitos dos temas abordados no livro, acrescentando uma dimensão estética e simbólica que enriquece a narrativa.

A obra concentra-se, principalmente, na importância da terra para as comunidades quilombolas, indígenas e outros grupos historicamente marginalizados, além de criticar as práticas coloniais e neocoloniais que, ao longo do tempo, tentaram (e ainda tentam) desestabilizar essas conexões ancestrais. O título do livro simboliza a interdependência presente na relação entre a terra e os seres humanos: a terra, mais do que um mero recurso, é um ente vivo, com suas próprias necessidades, desejos e sabedoria.

Em um mundo cada vez mais afetado pela exploração desenfreada e pela degradação ambiental, os autores nos convidam a reavaliar a forma como percebemos e interagimos com a terra. Bispo dos Santos e Pereira vão além de uma análise ecológica convencional, buscando recuperar uma perspectiva cosmológica africana e indígena que considera a terra como protagonista, e não como um objeto a ser explorado. Essa abordagem é especialmente relevante em tempos de crises ambientais e sociais, onde as vozes dos que tradicionalmente foram marginalizados precisam ser ouvidas com urgência.

A obra não se limita apenas a uma discussão teórica, mas também se fundamenta em histórias de resistência e resiliência das comunidades tradicionais. O autor utiliza exemplos práticos de como essas comunidades têm enfrentado a destruição de seus modos de vida e a degradação de seus territórios, oferecendo uma perspectiva poderosa sobre a luta pela terra como um elemento central para a preservação da cultura e da identidade. Nesse sentido, a obra de Bispo dos Santos se posiciona como um testemunho da luta contínua e necessária que os povos tradicionais enfrentam na busca por reconhecimento, respeito e direitos sobre suas terras.

1.2 PRINCIPAIS TEMAS ABORDADOS

A obra apresenta uma crítica incisiva à lógica capitalista e colonialista de exploração do solo, fundamentada em uma perspectiva afrocentrada e indígena. Um dos tópicos principais é a cosmologia dessas culturas, que percebem a terra não como um produto comercial, mas como um bem coletivo, um ser vivo com o qual se deve cultivar uma relação de troca e respeito mútuo. Sob essa ótica, Bispo dos Santos enfatiza a relevância de enxergar a terra como mãe e origem da vida, uma ideia que contrasta fortemente com a visão ocidental contemporânea de terra como propriedade e fonte de lucro.

Santos, a terra está profundamente ligada aos antepassados; ela serve como um vínculo que relaciona o presente ao passado, e é através dela que as recordações e conhecimentos são passados de uma geração para outra. Dessa forma, a batalha pela terra representa também uma defesa da memória e da identidade cultural das comunidades tradicionais. Essa conexão ancestral transcende a mera sobrevivência física, englobando também uma esfera espiritual e simbólica. O autor destaca que a terra é um suporte para práticas culturais, rituais e modos de vida que são fundamentais para a expressão da identidade de cada grupo.

Além disso, o livro enfatiza a resistência cultural. Ele analisa as estratégias de resistência empregadas pelos quilombolas e povos indígenas para manter suas tradições e modos de vida, apesar das tentativas de apagamento histórico e cultural promovidas pelos poderes coloniais e, mais tarde, pelo Estado brasileiro. Nesse sentido, Bispo dos Santos coloca a cultura como um elemento central da resistência, apontando que a preservação da cultura é uma forma de enfrentamento da dominação colonial. A cultura, para ele, é a forma como os povos se mantêm vivos e conectados à terra, garantindo a continuidade de seus modos de vida em meio às adversidades.

A narrativa também aborda o impacto das políticas públicas, ou a falta delas, na vida das comunidades tradicionais. Muitas vezes, as políticas de reforma agrária e as iniciativas de desenvolvimento são implementadas sem considerar as necessidades e os conhecimentos locais, resultando em consequências adversas que afetam diretamente a relação das comunidades com a terra. Bispo dos Santos critica essas abordagens, enfatizando a importância de envolver as vozes das comunidades na elaboração de políticas que realmente atendam suas necessidades e respeitem suas tradições.

1.3 NARRATIVA E PERSPECTIVA DOS AUTORES

A perspectiva trazida por Bispo dos Santos e Santídio Pereira é rica em detalhes e fundamentada na experiência vivida dos quilombolas e outros grupos tradicionais. A narrativa, em sua essência, parte de um lugar de fala marginalizado, sendo uma denúncia das consequências devastadoras da colonização e do agronegócio, ao mesmo tempo em que propõe alternativas baseadas em epistemologias do Sul, ou seja, conhecimentos originários e desvalorizados pelas narrativas dominantes. O autor coloca em evidência a importância da valorização desses saberes ancestrais como base para uma verdadeira transformação social e ambiental.

Bispo dos Santos aborda o conceito de "comunalidade", um termo que encapsula o modo como os povos indígenas e quilombolas organizam suas vidas em torno de um bem comum: a terra. Para esses povos, não existe a separação entre o individual e o coletivo; tudo o que se faz à terra afeta diretamente a coletividade. Assim, ele propõe que as lutas pelo território não sejam vistas apenas como lutas por espaço físico, mas como lutas pela preservação de formas de existência que priorizam o bem comum sobre o lucro individual. Nessa lógica, a terra é uma extensão da comunidade, e não um recurso a ser explorado.

A obra também adota uma abordagem crítica em relação ao Estado e às políticas de reforma agrária, mostrando como essas iniciativas, apesar de aparentemente progressistas,

muitas vezes servem aos interesses do agronegócio e de outras formas de exploração capitalista.

Bispo dos Santos argumenta que a verdadeira reforma agrária só pode ser feita a partir do reconhecimento das terras como territórios tradicionais e da restituição dessas terras aos seus povos originários. Ele ressalta a necessidade de políticas que respeitem as cosmovisões dos povos tradicionais, reconhecendo que a luta pela terra é, na verdade, uma luta por dignidade e por um futuro em que todos possam viver em harmonia com a natureza.

1.4 ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

Historicamente, o Brasil tem sido palco de intensos conflitos agrários e disputas pelo território. Desde o início da colonização, a terra foi o principal elemento de disputa entre os colonizadores e os povos indígenas. A violência colonial e a escravização de africanos também foram justificadas em nome da exploração da terra e de seus recursos. Essa narrativa, amplamente analisada na obra de Bispo dos Santos, é crucial para entender a relação de poder que se estabeleceu entre o colonizador, que vê a terra como uma fonte de riquezas a ser explorada, e os povos tradicionais, que a veem como fonte de vida e identidade.

A obra se insere no contexto das lutas contemporâneas por terra no Brasil, marcadas por conflitos violentos entre grandes proprietários rurais, agronegócio e comunidades tradicionais. A expansão da fronteira agrícola, principalmente através do avanço do monocultivo (como a soja e o gado), tem colocado em risco não apenas a preservação ambiental, mas também a sobrevivência de modos de vida tradicionais que dependem de uma relação sustentável com a terra.

Nesse contexto, a luta pela terra também é uma luta por direitos culturais, identitários e de existência. Bispo dos Santos destaca a importância de reconhecer a terra como um elemento fundamental para a sobrevivência cultural das comunidades tradicionais. Ele questiona a visão eurocêntrica do desenvolvimento, que historicamente subjugou outros modos de existência, e propõe que o desenvolvimento só pode ser verdadeiro se incluir os saberes e práticas ancestrais. Nesse sentido, a obra dialoga diretamente com as epistemologias do Sul, ao desafiar o modelo de conhecimento dominante e propor uma valorização das cosmovisões indígenas e africanas.

Além disso, “A terra dá, a terra quer” oferece um contraponto importante às visões hegemônicas sobre sustentabilidade. Enquanto o discurso global dominante muitas vezes coloca a sustentabilidade como um objetivo a ser alcançado dentro de uma lógica capitalista, Bispo dos Santos apresenta uma perspectiva de sustentabilidade enraizada nas práticas ancestrais de convivência harmônica com a natureza. Ele argumenta que os povos tradicionais já vivem uma relação sustentável com o meio ambiente há séculos, e que as soluções para a crise ambiental podem ser encontradas nesses modos de vida, ao invés de nas soluções tecnológicas frequentemente propostas pelo Norte Global.

A obra é, portanto, não apenas uma crítica à exploração da terra, mas um manifesto pela valorização da vida, da cultura e da identidade dos povos tradicionais. A luta pela terra é apresentada como uma luta pela dignidade, pela memória e pela resistência cultural, mostrando que a terra, além de ser um espaço físico, é um elemento central para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

2. ANÁLISE CRÍTICA

2.1 ORIGINALIDADE NA OBRA

A obra *A terra dá, a terra quer* de Antônio Bispo dos Santos se destaca pela originalidade ao articular uma crítica profunda e multifacetada ao colonialismo e ao capitalismo, a partir de uma perspectiva afrocentrada e indígena. Uma das contribuições mais notáveis do autor é sua concepção da terra como um ente vivo, dotado de desejos e necessidades, o que desafia as tradições ocidentais que veem a natureza como um mero recurso para exploração. Essa perspectiva é um convite a repensar a relação entre humanidade e meio ambiente, propondo uma visão holística que considera a terra não apenas como um objeto de consumo, mas como um sujeito que exige respeito e cuidado.

O título da obra, que sugere que "a terra dá" e "a terra quer", encapsula essa visão. A ideia de que a terra tem desejos reflete uma abordagem que transcende a ecologia utilitarista, apresentando uma filosofia que ecoa as propostas da ecologia profunda. Esse movimento, fundado por pensadores como Arne Naess, propõe que todas as formas de vida possuem um valor intrínseco e que a separação entre natureza e cultura é uma construção social que deve ser desconstruída. Bispo dos Santos, ao tratar a terra como um ser dotado de agency, se alinha com essa filosofia, argumentando que a exploração desenfreada dos recursos naturais não é apenas uma questão econômica, mas uma afronta a um ser que possui uma existência própria.

A crítica que Bispo dos Santos faz à visão ocidental de desenvolvimento é particularmente inovadora. Ele contesta as narrativas que associam o progresso econômico à destruição do meio ambiente, propondo em vez disso que o verdadeiro desenvolvimento deve incluir a manutenção de relações de cuidado com a terra e com as comunidades que dela dependem. Essa visão contrasta com o que Boaventura de Sousa Santos descreve como "desenvolvimentismo" – a ideia de que o progresso se mede pela acumulação de riqueza e pela industrialização. Ao rejeitar essa abordagem, Bispo dos Santos abre espaço para a consideração de outras formas de organização social, como as práticas comunitárias dos povos quilombolas e indígenas, que são frequentemente vistas como arcaicas, mas que, na verdade, oferecem modelos de convivência sustentáveis.

A conexão entre a exploração da terra e a opressão das culturas afrodescendentes e indígenas é outro aspecto central da originalidade da obra. Bispo dos Santos expõe como a lógica colonial europeia se baseou na dominação não apenas dos territórios, mas também dos povos, utilizando a violência como instrumento para sustentar um projeto capitalista global. Essa crítica ressoa com os escritos de Frantz Fanon, que em sua obra *Os Condenados da Terra* discute a descolonização como um processo que envolve não apenas a libertação física, mas também a reconstrução da identidade cultural. Fanon argumenta que a colonização invade as mentes e culturas dos colonizados, criando uma hierarquia onde o colonizador é o sujeito e o colonizado, o objeto. Bispo dos Santos expande essa análise ao incluir a terra como parte desse processo, sugerindo que a exploração dos recursos naturais é, em essência, uma continuação do colonialismo que busca controlar não apenas o espaço físico, mas também as narrativas e cosmologias dos povos subalternos.

Além disso, a proposta de Bispo dos Santos de tratar a terra como um ser vivo que "quer" algo tem implicações éticas profundas. Essa noção desafia a ideia de que a exploração da natureza é justificada pela necessidade econômica, subvertendo o paradigma da terra como um recurso inanimado. A ideia de reciprocidade que permeia essa visão é uma contribuição fundamental à ética ambiental contemporânea, promovendo um entendimento de que o bem-estar humano só pode ser alcançado em harmonia com a natureza. Essa perspectiva ecoa as ideias de pensadores como Arne Naess e Vandana Shiva, que defendem que a desconexão entre ser humano e natureza é a raiz de muitos problemas ambientais.

2.2 DIÁLOGOS COM OUTROS INTELECTUAIS

O diálogo que Bispo dos Santos estabelece com outros intelectuais que discutem questões de terra, colonialismo e meio ambiente enriquece sua obra e amplia sua relevância teórica. Em primeiro lugar, a obra ressoa com as teorias de Eduardo Viveiros de Castro, particularmente no que se refere ao perspectivismo ameríndio. Viveiros de Castro argumenta que, para muitos povos indígenas da Amazônia, a relação com a natureza não é baseada em uma hierarquia, mas sim em uma rede de relações onde todos os seres – humanos, animais e espíritos – compartilham perspectivas. Essa visão se aproxima da proposta de Bispo dos Santos ao tratar a terra como um ser vivo, dotado de agência, que participa de uma cosmologia mais ampla e complexa.

Outro ponto de interseção entre as ideias de Bispo dos Santos e as teorias contemporâneas pode ser visto na abordagem de Ailton Krenak sobre a crise ambiental e a necessidade de repensar nossa relação com a natureza. Krenak, em sua obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, sugere que a crise ambiental que enfrentamos é uma consequência direta da visão utilitarista da terra e da desconexão dos seres humanos com o mundo natural. Ele, assim como Bispo dos Santos, propõe que os povos tradicionais, com sua sabedoria ancestral, possuem respostas para os desafios contemporâneos, e que suas práticas de convivência com a terra podem oferecer modelos alternativos ao capitalismo predatório. A filosofia do "bem viver", que rejeita o acúmulo infinito de riquezas e coloca o bem-estar coletivo e a harmonia com o ambiente como prioridades, é um dos conceitos que une os pensamentos de Krenak e Bispo dos Santos.

Além disso, Bispo dos Santos também dialoga com as Epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos, que propõe a valorização dos saberes tradicionais e a crítica ao eurocentrismo na produção do conhecimento. Boaventura sugere que as epistemologias dominantes, especialmente aquelas vindas do Norte Global, negligenciam ou suprimem os conhecimentos que não se alinham à ciência ocidental, como os saberes indígenas, quilombolas e africanos. A obra de Bispo dos Santos se alinha a essa crítica ao propor que os modos de vida quilombola e indígena, que são frequentemente vistos como atrasados ou subdesenvolvidos, são, na verdade, formas sofisticadas de organização social e ambiental, que possuem muito a ensinar às sociedades contemporâneas. Ao propor que a verdadeira sustentabilidade já existe nesses modos de vida, Bispo dos Santos desafia a ideia de que o desenvolvimento capitalista é a única solução para os problemas do mundo.

2.3 ESTILO E LINGUAGEM

O estilo de Bispo dos Santos é um dos elementos que torna sua obra acessível e, ao mesmo tempo, profundamente teórica. Sua escrita é marcada por uma linguagem simples, mas rica em significados, que permite ao leitor não apenas compreender os argumentos, mas também sentir-se parte das lutas descritas. O uso de narrativas e exemplos práticos enriquece o texto, mostrando como a exploração da terra afeta diretamente as comunidades quilombolas e indígenas.

Essa abordagem narrativa é fundamental para construir uma conexão emocional com o leitor. Ao relatar experiências vividas, Bispo dos Santos humaniza a discussão teórica e torna os conceitos mais palpáveis. Ele ilustra as consequências da exploração e do colonialismo através de histórias que refletem a resistência e a resiliência dos povos tradicionais. Esse estilo narrativo não só informa, mas também mobiliza o leitor para a reflexão e a ação.

A colaboração com o artista Santídio Pereira, que contribui com ilustrações visuais para a obra, também é uma estratégia poderosa. As ilustrações não apenas complementam o texto, mas ajudam a construir uma narrativa visual que reforça a mensagem de interconexão entre a terra e os seres humanos. Essa fusão de palavra e imagem cria uma experiência multissensorial que vai além da leitura tradicional, permitindo que o leitor absorva a mensagem de forma mais integral.

Além disso, a escolha de linguagem poética e simbólica contribui para a profundidade da obra. Bispo dos Santos utiliza metáforas que evocam a relação íntima entre os povos tradicionais e a terra, ressaltando a espiritualidade que permeia essa conexão. Ao empregar uma linguagem rica e evocativa, ele consegue transmitir não apenas a urgência da mensagem, mas também a beleza e a complexidade das culturas que representa.

2.4 CONTRIBUIÇÃO PARA CONTEMPORANEIDADE

“A terra dá, a terra quer” oferece contribuições significativas para uma variedade de debates contemporâneos, especialmente em relação à crise ambiental e às desigualdades sociais que emergem dela. No contexto das discussões sobre o Antropoceno, um termo que caracteriza a era geológica atual, marcada pela influência humana no planeta, Bispo dos Santos enfatiza que as respostas a esses desafios não devem ser exclusivamente tecnológicas ou científicas. Ele critica a noção de que a tecnologia por si só pode resolver os problemas ambientais, argumentando que essa abordagem ignora as vozes e experiências dos povos que vivem em harmonia com a terra há séculos. Em vez disso, ele propõe que a valorização dos modos de vida tradicionais, que são baseados em princípios de reciprocidade, respeito e cuidado, é essencial para a construção de um futuro sustentável.

A crítica de Bispo dos Santos ao agronegócio e à monocultura é particularmente relevante no debate sobre os impactos da agricultura industrial na biodiversidade e nas comunidades locais. Ele argumenta que essas práticas não apenas devastam terras ancestrais, mas também desmatam grandes áreas da Amazônia, comprometendo os ecossistemas e as comunidades que dependem deles. Sua visão de que a terra não é um mero recurso econômico, mas um ser vivo com direitos próprios, desafia as premissas da economia

capitalista que prioriza o lucro sobre o bem-estar humano e ambiental. A destruição da terra, conforme expõe, tem consequências que vão além do material, afetando também as dimensões espirituais e culturais das comunidades. Ao destacar essas interconexões, Bispo dos Santos propõe uma visão alternativa de desenvolvimento que prioriza o respeito às práticas de convivência que os povos tradicionais têm com a terra, enfatizando que essas práticas são sustentáveis e adaptativas, desenvolvidas ao longo de gerações.

A obra também é uma contribuição valiosa para os debates sobre direitos territoriais e culturais dos povos tradicionais. Ele coloca a luta pela terra no centro da resistência cultural e identitária dos povos quilombolas e indígenas, ressaltando que a proteção desses territórios é crucial não apenas para a preservação ambiental, mas também para a preservação de culturas e saberes que são muitas vezes marginalizados. Essa visão contrasta com a lógica hegemônica de desenvolvimento que trata a terra como um recurso a ser explorado, desafiando a ideia de que o progresso deve ser medido em termos de exploração econômica. Ele argumenta que o verdadeiro desenvolvimento deve incorporar a diversidade cultural e a autonomia dos povos, em vez de impor modelos homogêneos que favorecem a elite.

Adicionalmente, sua obra se destaca no debate sobre descolonização, propondo que a verdadeira descolonização não pode ser alcançada apenas por meio de reformas políticas ou econômicas. Ele enfatiza que essa transformação exige uma mudança profunda nas formas como pensamos e nos relacionamos com o mundo, promovendo uma descolonização mental e espiritual. Essa visão se alinha à crítica de Frantz Fanon e outros teóricos pós-coloniais, que argumentam que o colonialismo deixou marcas duradouras nas mentes e culturas dos povos colonizados. A inclusão da terra como parte desse processo de descolonização é uma inovação de Bispo dos Santos, que sugere que somente ao restabelecer uma relação de reciprocidade e respeito com a terra podemos superar as heranças do colonialismo e as estruturas opressivas que dele resultaram.

Ao abordar a interseção entre a crise ambiental e a luta por justiça social, Bispo dos Santos oferece um modelo de resistência que desafia as narrativas dominantes e reivindica a voz e os saberes dos povos tradicionalmente marginalizados. Ele não só denuncia as injustiças que ocorrem na relação entre os seres humanos e a natureza, mas também propõe formas concretas de ação que podem ser adotadas por indivíduos e comunidades para promover a justiça ambiental. Essa ênfase na ação coletiva e na solidariedade entre diferentes movimentos sociais é uma das características mais notáveis de sua obra, que busca unir as lutas por direitos humanos, direitos ambientais e justiça social em um esforço coeso e abrangente.

Dessa forma, a obra de Antônio Bispo dos Santos não apenas ilumina as questões urgentes de nosso tempo, como também oferece um modelo de resistência e esperança. Ele convoca leitores e ativistas a se envolverem em uma luta contínua pela justiça e pela preservação da terra, ressaltando que essa luta é fundamental para a sobrevivência das futuras gerações e para a manutenção da diversidade cultural e biológica do planeta. Ao reivindicar a centralidade da terra nas discussões sobre o futuro do mundo, Bispo dos Santos não só desafia as narrativas capitalistas de desenvolvimento, mas também sugere que um futuro sustentável só é possível por meio da valorização e do respeito às formas de vida que já existem, que foram construídas com base na convivência harmoniosa entre os seres humanos e a natureza.

3. CONCLUSÃO

3.1 IMPACTO DA OBRA

A obra *A terra dá, a terra quer* de Antônio Bispo dos Santos oferece um impacto profundo e necessário ao debate contemporâneo sobre a relação entre os seres humanos e a terra, especialmente no Brasil, onde a questão fundiária tem sido historicamente um dos maiores focos de tensão social. Ao apresentar a terra como um ente vivo, e não como um simples recurso natural, o autor desafia visões hegemônicas que colocam o desenvolvimento econômico e a exploração da natureza como prioritários. A força de sua argumentação reside na ligação direta que ele faz entre a destruição do meio ambiente e a destruição de culturas tradicionais, expondo as consequências de um sistema colonialista e capitalista que continua a subjugar territórios e povos.

O impacto do livro vai além das fronteiras do Brasil, pois traz uma contribuição valiosa para discussões internacionais sobre ecologia e direitos indígenas e afrodescendentes. O reconhecimento da terra como sujeito de direitos, e não como objeto, insere-se em debates globais sobre justiça ecológica e direitos da natureza, ecoando movimentos que buscam a inclusão desses direitos nas constituições de países como a Bolívia e o Equador. Nesses contextos, o livro se conecta com os esforços para reconhecer que a exploração desenfreada da natureza compromete a sobrevivência de toda a humanidade, e não apenas de populações diretamente afetadas pela destruição ambiental.

A abordagem de Bispo dos Santos nos oferece uma perspectiva que se distancia da dicotomia ocidental entre natureza e humanidade, aproximando-se das visões de mundo indígenas e quilombolas que veem a terra como um ente interligado aos aspectos culturais, espirituais e sociais dos povos. Para o leitor, especialmente aquele envolvido nas lutas ambientais e na defesa dos direitos de povos tradicionais, *A terra dá, a terra quer* é um convite urgente a repensar as noções de desenvolvimento, progresso e sustentabilidade, as quais, sob uma ótica capitalista e colonial, têm desconsiderado as consequências devastadoras para o meio ambiente e as comunidades tradicionais.

Além disso, a obra fortalece movimentos sociais que buscam alternativas ao modelo econômico dominante, propondo a valorização de formas de vida que respeitam os ciclos naturais e que promovem uma convivência harmoniosa com a terra. Esse impacto é amplificado pela crise ambiental global, que demanda soluções que superem as abordagens meramente tecnológicas e econômicas, convidando à construção de um novo pacto com a terra e com os povos que preservam seus conhecimentos ancestrais.

3.2 CONTRIBUIÇÃO INTELECTUAL

No campo intelectual, Bispo dos Santos oferece uma contribuição significativa ao fornecer uma análise que mescla os conceitos de colonialismo, ecologia e ancestralidade de uma maneira coerente e inovadora. Sua obra se alinha com correntes teóricas pós-coloniais e descoloniais, como as defendidas por autores como Boaventura de Sousa Santos, Frantz Fanon e Ailton Krenak, ao trazer à tona as vozes silenciadas pelos discursos ocidentais

hegemônicos. Ao colocar os saberes quilombolas e indígenas no centro de suas reflexões, ele desafia o epistemicídio, termo que se refere à exclusão e desvalorização de conhecimentos não ocidentais, e reivindica o valor de sistemas de conhecimento que há muito foram marginalizados.

Essa proposta é particularmente relevante num contexto de globalização, em que as forças de homogeneização cultural têm sistematicamente apagado formas alternativas de conhecimento e vida. Bispo dos Santos resgata a importância desses saberes para a construção de uma relação mais sustentável com o planeta, que valorize a reciprocidade com a terra e o respeito pelos ciclos naturais. Nesse sentido, sua obra pode ser vista como uma crítica direta ao que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos denomina de "epistemologias do Norte", ou seja, o conjunto de práticas e conhecimentos que subordinam as culturas locais ao pensamento ocidental dominante.

Além disso, a obra de Bispo dos Santos contribui para o campo da ecologia política, ao criticar a lógica capitalista que promove a degradação ambiental e a alienação dos povos da terra. A ecologia política busca entender as relações entre o poder político e econômico e as práticas de exploração ambiental, enfatizando como essas práticas têm implicações desiguais para diferentes grupos sociais. A proposta do autor de considerar a terra como parte integrante das comunidades tradicionais é, portanto, uma tentativa de romper com a lógica mercantilista que reduz o meio ambiente a uma fonte de lucro e exploração. Para acadêmicos e estudiosos da área, a obra se configura como um material essencial para repensar a interseção entre território, cultura e poder, oferecendo uma visão que transcende os paradigmas eurocêntricos de desenvolvimento e sustentabilidade.

3.3 PERSPECTIVAS FUTURAS

As questões levantadas pelo livro *A terra dá, a terra quer* permanecem extremamente atuais e relevantes para o futuro, especialmente diante dos desafios globais relacionados à crise climática, à expansão do agronegócio e à luta por direitos dos povos indígenas e afrodescendentes. A obra de Antônio Bispo dos Santos abre caminho para uma reavaliação das políticas ambientais e territoriais, sublinhando a urgência de se adotar uma abordagem que valorize os conhecimentos tradicionais na luta contra a degradação ambiental. Esse conhecimento, acumulado por séculos de convivência e observação atenta da natureza, traz soluções sustentáveis e integradas aos ecossistemas locais, em oposição às intervenções tecnológicas externas, que muitas vezes são descontextualizadas e prejudiciais ao equilíbrio ecológico.

O reconhecimento da sabedoria tradicional não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma forma de resistência à crescente pressão do que tem sido chamado de capitalismo verde. Este conceito, que envolve a promessa de soluções tecnológicas para os problemas ambientais, frequentemente resulta na subordinação da terra às necessidades do mercado. Bispo dos Santos argumenta que uma verdadeira solução para a crise ecológica deve passar pelo rompimento com essa lógica capitalista, propondo um retorno a práticas de manejo ambiental que respeitem os limites naturais e o equilíbrio ecológico. Isso implica um questionamento profundo das estruturas de poder que têm moldado a relação da sociedade

com a natureza e a urgência de buscar alternativas que considerem as vozes e experiências dos povos que historicamente têm vivido em harmonia com seus territórios.

No cenário brasileiro, onde o desmatamento da Amazônia e a expansão da fronteira agrícola colocam em risco não apenas a biodiversidade, mas também a sobrevivência dos povos tradicionais, a mensagem de Bispo dos Santos ganha ainda mais relevância. Seu apelo por uma descolonização completa – que envolva não apenas a restituição de terras, mas também a valorização de saberes ancestrais – é uma resposta direta às crises que estamos enfrentando. O livro reforça a ideia de que a superação desses desafios depende de uma mudança de paradigma que reconheça a importância da terra como um bem comum, em vez de tratá-la como uma mercadoria a ser explorada. Esse reconhecimento é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos tenham acesso a um ambiente saudável e sustentável.

Além disso, a obra também ressalta a necessidade de fortalecer as vozes dos povos tradicionais nas decisões políticas e econômicas que afetam seus territórios. A inclusão desses saberes e práticas nos processos de formulação de políticas é essencial para garantir que as soluções propostas sejam culturalmente relevantes e ecologicamente sustentáveis. A luta por direitos territoriais não pode ser dissociada da luta por reconhecimento e valorização das culturas que sustentam essas relações. A promoção de um diálogo intercultural, onde as perspectivas indígenas e afrodescendentes sejam respeitadas e incorporadas, é um passo crucial para enfrentar as crises atuais e futuras.

Em um mundo cada vez mais ameaçado pela mudança climática e pela desigualdade social, *A terra dá, a terra quer* é uma obra essencial para acadêmicos, ativistas e legisladores que buscam novas formas de lidar com essas crises interligadas. Bispo dos Santos nos lembra que as soluções para muitos dos problemas contemporâneos podem ser encontradas na sabedoria dos povos tradicionais, que detêm um conhecimento profundo sobre a biodiversidade e a resiliência dos ecossistemas. Essa sabedoria é um recurso valioso que pode informar práticas de conservação e gestão dos recursos naturais de maneira sustentável.

Por fim, a obra nos desafia a repensar nossas práticas, não apenas como indivíduos, mas como uma sociedade global. A sobrevivência da humanidade está diretamente ligada à nossa capacidade de respeitar e proteger a terra. Bispo dos Santos nos mostra que, ao reimaginar nossas relações com o meio ambiente e com os povos que o habitam, podemos garantir um futuro mais justo, sustentável e equilibrado para todos. A urgência de sua mensagem ressoa com os desafios contemporâneos e convida todos nós a agir, promovendo uma ética de cuidado e reciprocidade que possa transformar a forma como nos relacionamos com o mundo natural e entre nós mesmos.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Antônio Bispo dos; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2010.